

Woody Allen

---

A A autobiografia

Tradução: Santiago Nazarian

**GLOBALIVROS**

**Como Holden,** não gostaria de entrar nessa bobajada de David Copperfield, apesar de que, no meu caso, você pode achar mais interessante saber um pouco sobre meus pais do que ler sobre mim. Como meu pai, nascido no Brooklyn quando era tudo mato, que foi gandula dos primeiros Brooklyn Dodgers, sinuqueiro, agenciador de apostas, um homem pequeno, mas um judeu valente que vestia camisas chiques, com um cabelo reluzente penteado para trás à la George Raft. Sem ensino médio, foi para a Marinha aos dezesseis anos, fez parte de um pelotão de fuzilamento na França quando mataram um marinheiro americano por ter estuprado uma garota local. Atirador condecorado, sempre adorou apertar o gatilho e carregou uma pistola até o dia em que morreu, aos cem anos, com a cabeça repleta de cabelos grisalhos e uma visão perfeita. Certa noite, durante a Primeira Guerra, seu barco foi atingido pela bala de um canhão ao deixar a costa de águas geladas da Europa. Afundou. Todos se afogaram, exceto três caras que nadaram por mais de um quilômetro e meio até a praia. Ele foi um desses três que foram capazes de lidar com o Atlântico. Mas foi por pouco que eu quase não nasci. A

guerra terminou. O pai dele, que tinha ganhado algum dinheiro, sempre o mimou, dando preferência a ele de forma vergonhosa em detrimento a seus irmãos lerdinhos. Quando era moleque, sempre achei que a irmã dele me lembrava uma aberração de circo. Seu irmão, fraco, abatido e com uma aparência degenerada, vagava pelas ruas de Flatbush vendendo jornais até se dissolver como uma hóstia pálida. Branco, desbotado, desaparecido. Então o pai do Papai comprou um carro bem caro para o seu marinheirinho favorito, no qual meu pai circulou pela Europa pós-guerra. Quando voltou para casa, o velho, meu avô, acrescentou alguns zeros à sua conta bancária e fumava Coronas. Ele era o único judeu trabalhando como caixeiro-viajante de uma grande empresa de café. Meu pai fazia serviços para eles e, um dia, ao levar alguns sacos de grãos, ele passou por um tribunal, e descendo a escada estava Kid Dropper, um bandido da época. Kid entrou num carro e um zé-ninguém chamado Louis Cohen saltou no veículo e meteu quatro balas pela janela enquanto meu pai estava lá, olhando. O velho me contou essa história várias vezes para me ninar, o que era bem mais empolgante do que Pedro Coelho e seus amiguinhos.

Enquanto isso, o pai do meu pai, querendo se tornar empreendedor, comprou uma frota de táxis e várias salas de cinema, incluindo o Midwood Theater, onde eu passaria uma boa parte da minha infância fugindo da realidade, mas isso veio depois. Primeiro, eu tinha que nascer. Infelizmente, antes desse pequeno tiro no escuro cósmico, o pai do Papai, num rompante de euforia maluca, apostava cada vez mais dinheiro

em Wall Street, e você já sabe onde isso vai parar. Numa certa quinta-feira, o mercado de ações despencou, e meu avô, apostador como era, foi reduzido instantaneamente à pobreza abjeta. Foram-se os táxis, os cinemas, os executivos da empresa de café. Meu pai, de repente responsável por seu próprio ganha-pão, foi forçado a se virar: dirigiu um táxi, cuidou de mesas de bilhar, se meteu em mutretas e agenciou apostas. Nos verões, foi pago para ir a Saratoga para cuidar do negócio questionável de corrida de cavalo de Albert Anastasia. Os verões no interior geraram outra série de histórias de ninar. Como ele amava aquela vida. Roupas chiques, hotéis caros, mulheres sensuais e, então, de alguma forma, ele conheceu minha mãe. Foi um baque. Como ele terminou com Nettie é tão misterioso quanto a matéria escura. Dois personagens tão díspares quanto Hannah Arendt e Nathan Detroit, eles discordavam em todos os assuntos, exceto Hitler e meu boletim. E, ainda assim, com toda essa violência verbal, eles permaneceram casados por setenta anos — só de pirraça, eu suspeito. Ainda assim, tenho certeza de que eles se amavam da forma deles, uma forma conhecida talvez apenas por algumas tribos caçadoras de cabeças em Bornéu.

Para defender minha mãe, preciso dizer que Nettie Cherry era uma mulher maravilhosa: brilhante, trabalhadora, que se sacrificava. Era fiel, amorosa e decente, mas não era, digamos, fisicamente atraente. Quando eu disse, anos depois, que minha mãe parecia Groucho Marx, o povo achou que eu estava brincando. Eu seus últimos anos, ela sofreu de demência e morreu aos 96. Iludida como era, no fim, ela nunca perdeu a



habilidade de reclamar, o que elevou a uma forma de arte. Papai, ainda ativo com seus noventa e poucos anos, nunca perturbava seu sono com preocupações. Nem um único pensamento referente a suas horas despertas. Sua filosofia se restringia a “se você não tem saúde, não tem nada”, a sabedoria mais profunda do que toda a complexidade do pensamento ocidental, sucinta como um biscoito da sorte. E ele manteve a saúde. “Nada me incomoda”, ele se vangloriava. “Você é idiota demais para algo te incomodar”, Mamãe pacientemente tentava explicar. Mamãe tinha cinco irmãs, cada uma mais simplória do que a outra, sendo Mamãe supostamente a mais simplória de todas. Deixe-me colocar assim: a retórica edipiana de Freud de que todos os homens inconscientemente querem matar seus pais e se casar com suas mães dá de cara num muro quando se trata da minha mãe.

Infelizmente, mesmo que minha mãe fosse muito melhor na minha criação, muito mais responsável, mais honesta e mais madura do que meu galanteador e não tão moral pai, eu o amava mais. Todos amavam. Acho que porque ele era um cara doce, caloroso, que demonstrava mais o afeto, enquanto ela nunca deixava barato. Era ela quem impedia que a família fracassasse. Trabalhava de caixa numa floricultura. Ela comandava a casa, preparava as refeições, pagava as contas, certificava-se de que havia queijo fresco nas ratoeiras, enquanto meu pai gastava o que não tinha e enfiava dinheiro no meu bolso enquanto eu dormia.

Nas raras ocasiões na vida em que ele acertava uma aposta, nós todos aproveitávamos a bolada. Papai apostava todo dia,

fizesse chuva ou sol. Era o mais próximo de uma religião que ele tinha. E, se saísse com um dólar ou com cem, ele gastava tudo antes de voltar para casa. No quê? Bem, roupas e outros itens essenciais, como bolas de golfe viciadas que rolavam de forma esquisita, que ele poderia usar para passar a perna nos seus colegas. E gastava comigo e minha irmã, Letty. Ele nos mimava com a mesma liberdade generosa com a qual seu pai o mimou. Exemplo: numa certa época, Papai foi garçom no Bowery, trabalhando no turno da noite sem salário, ganhando apenas gorjeta. Ainda assim, toda manhã quando eu acordava — na época, eu estava no ensino médio —, havia cinco pratas na minha mesinha de cabeceira. Os moleques que eu conhecia recebiam cinquenta centavos ou talvez um dólar por semana. Eu recebia cinco pratas por dia! O que eu fazia com aquilo? Comia fora, comprava truques de mágica, financiava meus jogos de carta.

Veja só, eu havia me tornado um mágico amador porque eu amava tudo sobre a mágica. Eu sempre me apegava a tudo que exigia solidão, como praticar truques de desaparecimento, tocar trompete ou escrever, já que isso me impedia de lidar com outros humanos de que, por nenhum motivo explicável, eu não gostava e em quem não confiava. Eu digo “nenhum motivo” porque vim de uma família grande e amorosa que era boa comigo. É como se eu tivesse nascido geneticamente lesado. Enquanto isso, eu me sentava sozinho e praticava com as cartas e moedas, manipulando o baralho, embaralhando e cortando-o de forma enganadora, tirando sorrateiramente uma carta de baixo da pilha, escondendo-a na palma da mão.

Enfim, era um pequeno salto para um lesado nato, de tirar um coelho da cartola para perceber que eu poderia trapacear nas cartas. Tendo herdado o DNA do meu pai para a desonestidade, eu logo estaria metido no pôquer, limpando o bolso dos desavisados, trapaceando, cortando o maço de cartas de forma enganadora e embolsando a mesada de todo mundo.

Mas chega de mim e dessa vida ordinária que comecei. Eu estava te falando dos meus pais e ainda não cheguei à parte em que Mamãe dá à luz seu canalhinha. Meu pai tinha uma vida charmosa, e minha mãe, que por necessidade teve de lidar com todos os problemas sérios da sobrevivência diária, era só trabalho e nada de interessante ou divertido. Ela era inteligente, mas não letrada, o que seria a primeira a te contar, orgulhosa de seu “senso comum”. Francamente, eu a achava rígida demais e muito mandona, mas era porque ela queria que eu “fosse alguém”. Ela viu o resultado de um teste de QI que eu fiz aos cinco ou seis anos e, ainda que eu não vá te contar o resultado, ficou impressionada. Foi recomendado que eu fosse enviado ao Hunter College, uma escola especial para crianças inteligentes, mas a longa viagem diária de trem do Brooklyn até Manhattan era pesada demais para minha mãe ou minha tia, que se alternavam me buscando e levando no metrô. Então elas me jogaram de volta na Escola Pública 99, uma instituição repleta de professores retrógrados. Odiei todos os meus colégios e provavelmente não teria tirado nada do Hunter se tivesse ficado lá. Minha mãe estava sempre ralhando comigo, me dizendo que, se eu tinha um QI tão alto, como eu podia ser um completo idiota na escola? Um exemplo da minha idiotice



acadêmica: no ensino médio, tive aulas de espanhol durante dois anos. Ao entrar na Universidade de Nova York, lutei para ser aceito na turma de espanhol para iniciantes, como se a língua fosse uma total novidade para mim. E acredita que eu ainda tomei bomba?

Enfim, a esperteza da minha mãe não se estendia à cultura, então nem ela nem meu pai, que nunca foi academicamente além do beisebol, pinocle ou filmes de Hopalong Cassidy, nunca, nem uma vezinha, me levaram ao teatro ou a um museu. Vi uma peça da Broadway pela primeira vez quando tinha dezessete anos e descobri a pintura sozinho, quando cabulei aula e precisei de um lugar aquecido para ficar, e os museus eram de graça ou baratos. Posso dizer com segurança que meu pai e minha mãe nunca viram uma peça, visitaram uma galeria ou leram um livro. Meu pai tinha um único livro: *As gangues de Nova York*. Era o único livro que eu folheei em casa, e me deixou com uma fascinação por gângsteres, criminosos e crime. Eu conhecia os gângsteres como a maioria dos meninos conhecia jogadores de beisebol. Eu conhecia esses jogadores também, mas não como conhecia Gyp the Blood, Greasy Thumb Jake Guzik e Tick-Tock Tannenbaum. Ah, eu também conhecia astros de cinema, graças à minha prima Rita, que cobria as paredes do seu quarto com retratos coloridos recortados da revista *Modern Screen*. Estou esperando para contar sobre Rita, já que ela foi um dos pontos altos da minha trajetória de menino e merece um lugar especial. Mas, além de Bogart e Betty Grable e de quantas vitórias Cy Young teve, quantas corridas impulsionadas Wilson



deu numa temporada e quem completou dois *no-hitters* consecutivos para o Cincinnati, eu sabia que Abe Reles sabia cantar, mas não voar, onde Owney Madden bateu as botas e por que um picador de gelo era a arma preferida de Pittsburgh Phil Strauss.

Além de *As gangues de Nova York*, a minha biblioteca consistia apenas em revistas em quadrinhos. Eu li só histórias em quadrinhos até estar no fim da adolescência. Meus heróis literários não eram Julien Sorel, Raskólnikov ou os camponeses locais de Yoknapatawpha County; eram Batman, Superman, Flash, Príncipe Submarino, Gavião Negro. Sim, e Pato Donald, Pernalonga e Archie Andrews. Gente, vocês estão lendo a autobiografia de um iletrado misantrópico que adora gângsteres; um solitário chucro sem cultura que se sentava na frente de um espelho de três faces praticando com um maço de cartas para que pudesse esconder um ás de espadas, tornar o ato invisível de qualquer ângulo e faturar uns trocados. Sim, eu acabei me impressionando pelas fartas maçãs de Cézanne e as alamedas parisienses chuvosas de Pissarro, mas, como eu disse, só porque cabulava aula e precisava de abrigo naquelas manhãs nevadas. Lá estava eu aos quinze anos, gazeteando, confrontado por Matisse e Chagall, por Nolde, Kirchner e Schmidt-Rottluff, pela *Guernica* e o Jackson Pollock frenético do tamanho de uma parede, pelo tríptico de Bechmann e as esculturas de escuridão total de Louise Nevelson. Depois, almoçava na cafeteria do MoMA e, em seguida, assistia a um filme antigo no andar de baixo, na sala de cinema. Carole Lombard, William Powell, Spencer Tracy. Não soa mais

divertido do que o absurdo azedume da srta. Schwab perguntando a data da Lei do Selo ou a capital de Wyoming? Então, havia as mentiras em casa, as desculpas no dia seguinte na escola, a enrolação, o sapateado, as notas forjadas, pego de novo, a aflição da Mamãe. “Mas seu QI é tão alto.” Por sinal, leitor, não é tão alto, mas dá para pensar, pelas exortações da minha mãe, que eu era capaz de explicar a teoria das cordas. Dá para ver pelos meus filmes: embora alguns sejam divertidos, nenhuma ideia que eu já tive vai gerar uma nova religião.

Além do mais, não tenho vergonha de admitir, eu não gostava de ler. Diferentemente da minha irmã, que curtia, eu era um moleque preguiçoso que não sentia o menor prazer em terminar um livro. E por que eu teria? O rádio e os filmes eram tão mais empolgantes. Exigiam menos e eram mais vívidos. Na escola, eles nunca sabiam como apresentar os alunos à leitura e transformá-la em um hábito aprazível. Os livros e as histórias que os professores escolhiam eram um tédio, sem graça, sem sal. Ninguém naquelas histórias cuidadosamente selecionadas para os jovens se comparava ao Homem-Borracha ou ao Capitão Marvel. Dá para pensar que um moleque com formiga nas calças (de novo, contrariando Freud, eu nunca tive um período de latência) que gostava de filmes de gângsteres com Bogart, Cagney e loiras vulgares e sensuais vai pirar com “O presente dos magos”? Então ela vende o cabelo para comprar para ele um relógio de pulso e ele vende o relógio para comprar pentes para ela. A moral que extraí é que sempre é mais seguro dar dinheiro de presente. Eu gostava de histórias em

quadrinhos, por mais esparsa que a prosa fosse, e, quando a escola me apresentou posteriormente a Shakespeare, consegui me enfiar suas peças goela abaixo de tal forma que, quando as aulas terminaram, eu nunca mais quis ouvir aqueles termos arcaicos.

Enfim, eu não era um leitor até quase o fim do ensino médio, quando os meus hormônios de fato começaram a agir e eu notei pela primeira vez aquelas garotas com longos cabelos lisos, que não passavam batom, quase não usavam maquiagem, se vestiam com gola rolê preta e saias com meias-calças escuras e carregavam grandes bolsas de couro com cópias de *A metamorfose*, em que anotavam nas margens coisas como: “É, fato” ou “Ver Kierkegaard”. Por uma singularidade irracional qualquer, foram essas que fisgaram meu coração, e, quando eu marcava um encontro e perguntava se elas queriam ir ao cinema ou a um jogo de beisebol e elas preferiam ouvir Segovia ou ver uma peça de Ionesco na *off-Broadway*, havia uma longa pausa desconfortável até eu dizer: “Eu te ligo”. Então, eu corria para pesquisar quem eram Segovia e Ionesco. É seguro dizer que essas mulheres não estavam ansiosas esperando pela próxima edição de *Capitão América* ou mesmo pelo próximo Mickey Spillane, o único poeta que eu era capaz de citar.

Quando finalmente saí com uma dessas delícias boêmias, foi um golpe para nós dois. Para ela, porque já no começo da noite perceberia que havia se metido com um imbecil iletrado que não parecia saber em qual posição Stephen Dedalus jogava; e para mim porque eu percebi que era de fato um retardado e que, se eu quisesse beijar aqueles



lábios sem batom ou vê-los uma segunda vez, eu teria de mergulhar em literatura mais profunda do que *A morte num beijo*. Não dava para me safar só com piadinhas sobre Lucky Luciano ou Rube Waddell. Eu ia ter de dar uma folheada em Balzac, Tolstói e Eliot para marcar presença na conversa e não ter de levar a moça para casa quando ela de repente dissesse que tinha sido tomada pela febre amarela. Em seguida, eu acabava na Dubrow's Cafeteria, me lamentando com as outras vítimas da noite de sábado.

Mas esses fiascos ficam no futuro. Agora que você tem alguma noção dos meus pais, vou falar sobre a minha única irmã. Então irei para a parte em que eu venho ao mundo para que a história decole de vez.

A Letty é oito anos mais nova do que eu. Naturalmente, quando estava prestes a vir ao mundo, meus pais me prepararam daquela forma mais errada: “Quando sua irmã vier, você não será mais o centro das atenções. Não vai mais receber tantos presentes, ela é que vai. Vamos ter de dedicar toda a nossa atenção a ela e às necessidades dela, então não espere nunca mais ser a atração principal”.

Outro garoto de oito anos podia ficar meio abalado pela ideia de ser deixado subitamente de lado em favor de uma novidade. Mas, ainda que eu amasse meus pais, eu sabia muito bem que eles eram uns belos de uns amadores que não tinham jeito para criar uma criança e que suas previsões eram uma bobagem vazia, o que se provou verdade. Acho que estou falando bem deles quando digo que sabia que me amavam de uma forma tão inconfundível, que eu sabia que, enquanto eles

viesses como Cassandra, nunca iriam me abandonar. Eles jamais deixariam de se dedicar à minha felicidade e ao meu bem-estar. E eles, de fato, não fizeram isso.

No momento em que pousei os olhos na minha irmã no berço, fui tomado por ela. Eu me apaixonei e ajudei a criá-la, protegendo-a dos atritos entre meus pais, que podiam se elevar a partir de questões triviais. Digo, quem pode dizer que uma discordância sobre *gefilte fish* podia se transformar numa batalha digna de Homero? Eu brincava com Letty, a levava comigo várias vezes quando saía com meus amigos. Todos a achavam fofa e espertinha, e ela sempre se comportava. Isso me lembrava da troca de cartas que eu tive com Groucho, com quem criei amizade graças a Dick Cavett, de quem conto depois. Escrevi para Groucho quando Harpo morreu, e ele me escreveu de volta, dizendo que ele e Harpo nunca tiveram uma discussão séria ou trocaram ofensas, e foi assim com minha irmã, que hoje produz meus filmes.

Mas, agora, estou pronto para nascer. Finalmente eu adentro o mundo. Um mundo no qual nunca me sentirei confortável, que nunca compreenderei, nunca aprovarei ou perdoarei. Allan Stewart Konigsberg, nascido em 1º de dezembro de 1935. Na verdade, nasci no 30 de novembro, bem perto da meia-noite, e meus pais empurraram a data para que eu pudesse começar num primeiro dia. Isso me deu zero de vantagem na vida, e eu preferia bem mais que eles tivessem me deixado uma poupança enorme. Só menciono isso porque, numa ironia inútil, minha irmã nasceu oito anos depois exatamente no mesmo dia. Essa coincidência notável e mais

quinze centavos pagam uma passagem de metrô. Fui parido no Hospital do Bronx, apesar de os velhos viverem no Brooklyn. Não me pergunte por que minha mãe saracoteou até o Bronx para me dar à luz. Talvez o hospital estivesse dando comida de graça. Enfim, minha mãe não saracoteou de volta do hospital no Bronx. Em vez disso, ela quase morreu lá. Na verdade, ficou a perigo por algumas semanas, mas, do jeito que ela conta, uma hidratação constante a fez se recuperar. Era tudo o que eu precisaria, ser criado apenas por meu pai. Provavelmente eu teria uma ficha criminal do tamanho de uma Torá. Acabou que ter dois pais amorosos me deixou surpreendentemente neurótico. O porquê eu não sei.

Eu fui o sol das cinco irmãs de minha mãe, o único varão, o queridinho dessas doces fofoqueiras que babavam sobre mim. Nunca fiquei sem uma refeição, nem careci de roupas ou abrigo, nunca fui acometido por nenhuma doença séria, como a pólio, que assolava a cidade. Eu não tinha síndrome de Down como um moleque da minha sala, nem era corcunda como o pequeno Jenny ou sofria de alopecia como o Schwartz. Eu era saudável, popular, bem atlético, sempre o primeiro a ser escolhido nas equipes esportivas. Jogava bola, corria e, ainda assim, acabei me tornando nervoso, medroso, um caco emocional, mantendo a compostura por um fio, um misantropo, claustrofóbico, isolado, amargurado, um pessimista impecável. Algumas pessoas veem o copo meio vazio; outras, o veem meio cheio. Eu sempre vi o caixão meio cheio. Dos milhares de reações naturais do corpo, eu consegui evitar quase todas, exceto a número 682: o mecanismo de



negação. Minha mãe falava que não conseguia entender. Dizia que eu era um garotinho doce e animado até uns cinco anos, quando mudei para um moleque feio, azedo, chato e de ovo virado.

Mas não há trauma na minha vida, nada de terrível que tenha ocorrido e me transformado de um garotinho sardento sorridente vestindo calções e sempre com uma vara de pesca em uma das mãos num lorpa cronicamente insatisfeito. Especulo que, por volta dos cinco anos, eu tenha tomado consciência da mortalidade e percebido que, afe, eu não pedi isso. Nunca concordei em ser finito. Se você não se importar, quero meu dinheiro de volta. Conforme fiquei mais velho, não apenas a extinção, mas também a falta de sentido da existência se tornaram mais claras para mim. Eu me deparei com a mesma pergunta que incomodava o antigo príncipe da Dinamarca: por que sofrer com os tiros e flechadas quando posso apenas molhar meu nariz, enfiá-lo numa tomada e nunca mais ter de lidar com a ansiedade, o sofrimento ou o frango cozido da minha mãe? Hamlet escolheu não fazer isso porque temia o que poderia acontecer no além. E então, dada minha profunda falta de apreço pela condição humana e seu doloroso absurdo, por que seguir com isso? No fim, eu não pude achar uma razão lógica e finalmente cheguei à conclusão de que, como humanos, simplesmente somos programados para resistir à morte. O sangue vence o cérebro. Não há razão lógica para se prender à vida, mas quem se importa com o que a cabeça diz quando o coração te pergunta: “Viu a Lola naquela minissaia?”. Por mais que eu resmungue, reclame e insista

firmemente que a vida é um pesadelo sem sentido de sofrimento e lágrimas, se um homem entrasse na sala com uma faca para nos matar, nós instantaneamente reagiríamos. Nós o agarraríamos e lutaríamos com cada grama de nossa energia para desarmá-lo e sobreviver. (Pessoalmente, eu correria.) Isso, eu insisto, é uma propriedade estrita de nossas moléculas. Agora você já deve ter percebido que não apenas não sou um intelectual, como também não sou uma companhia divertida nas festas.

Casualmente, é incrível a frequência com que sou descrito como “um intelectual”. Essa é uma concepção tão tola quanto o Monstro do Lago Ness, já que não tenho um neurônio intelectual em minha cabeça. Iltrado e desinteressado por questões acadêmicas, eu cresci como o protótipo do palerma que se senta diante da TV com uma cerveja na mão, assistindo empolgado a uma partida de futebol, com a página central da *Playboy* presa com fita adesiva na parede, um bárbaro vestido de tweed, com um paletó com protetor nos cotovelos. Não tenho grandes sacadas, pensamentos elevados e conhecimento da maioria dos poemas que não começam com “rosas são vermelhas, violetas são azuis”. Porém, o que eu tenho são óculos de aros pretos, e sugiro que é esse acessório, combinado a uma propensão por me apropriar de citações de fontes eruditas profundas demais para que eu as entenda, mas que podem ser utilizadas na minha obra, que dá a impressão enganadora de saber mais do que eu sei, o que mantém essa lenda firme.

Ok, então fui criado numa bolha por muitas mulheres dedicadas, minha mãe e minhas tias, e por quatro avós amorosos. Tente acompanhar: o pai do Papai, outrora rico, um homem que navegou até Londres só para assistir a uma corrida de cavalos, que tinha um camarote na ópera, agora empobrecido, recebia uma ninharia só deus sabe como. Sua esposa era também uma imigrante com quem ele se casou para que ambos pudessem fugir do país. Ela fugia do massacre russo e ele, do serviço militar compulsório. Ela era uma uva-passa, diabética, que morava com o marido numa cabana cafona com um piano de apartamento que ninguém tocava. Mas ela me amava, me passando dinheiro por baixo da mesa, cubos de açúcar Domino, que vinham em uma caixa amarela, não pedindo nada em troca exceto visitas ocasionais, sempre generosa, apesar de sua pobreza.

Meus avós maternos também me amavam. A mãe da Mamãe, gorda e surda, passava os dias sentada à janela (por sua aparência, ela se sentiria mais em casa numa vitória-régia). O avô era ativo, viril, vivia na sinagoga. E eis a forma como um idiota como eu retribuía a bondade dele: meus amigos e eu conseguimos um níquel falso. Chumbo puro. Nós tínhamos medo de tentar repassá-lo na bomboniere, pois achávamos que poderíamos terminar indo em cana, então eu me ofereci para passá-lo para o meu avô, que era velho e nunca iria perceber. Ele de fato não percebeu nada, e troquei o níquel com ele por cinco centavos tirados da bolsinha onde guardava suas moedas, e não foi como nos filmes, em que o velhote ri e sabe o que estou tramando, mas me diverte com uma piscadinha marota.



Não. Ele foi enganado e tirei suas moedas de cinco centavos, eu o deixei com o níquel de chumbo e fui comprar chocolates Goobers.

Finalmente, havia o verdadeiro arco-íris da minha infância, minha prima Rita. Cinco anos mais velha do que eu, loira, rotunda, sua companhia talvez tenha sido a influência mais significativa em minha vida. Rita Wishnick. Seu pai era outro judeu russo fugitivo chamado Vishnetski, anglicizado para Wishnick. Ela era uma garota atraente, vítima de pólio, de forma que mancava levemente, que, por acaso, gostou de mim e me levava para todo lugar — ao cinema, à praia, ao restaurante chinês, ao minigolfe, à pizzaria —, que jogava cartas comigo, jogava damas, jogava Banco Imobiliário. Ela me apresentou a todos os seus amigos, meninos e meninas mais velhos do que eu e, por alguma precocidade que eu tinha, pareci encantá-los. Então eu saía com eles e me tornei bem sofisticado para um garotinho, e minha infância deu um grande passo à frente.

Eu tinha amigos da minha própria idade também, mas passava muito tempo com Rita e os meninos e meninas do grupo dela. Eles eram garotos judeus de classe média, espertos, que estudavam para lecionar, para se tornar jornalistas, professores, médicos e advogados.

Mas deixe-me voltar aos filmes, a paixão de Rita. Agora, lembre-se, tenho cinco anos, ela tem dez. Além de cobrir as paredes com fotos coloridas de todos os astros de Hollywood, ela ia regularmente ao cinema, o que significava que todo sábado à tarde ela assistia às sessões duplas, geralmente no

Midwood, acompanhada pelos amigos, e sempre me levava. Eu via tudo o que Hollywood lançava. Cada grande lançamento, cada filme B. Eu sabia quem estava nos filmes, os reconhecia, conhecia os coadjuvantes, os atores principais, reconhecia não só as músicas dos filmes, como sabia de música popular porque Rita e eu nos sentávamos e escutávamos juntos o rádio sem parar. *The Make Believe Ballroom, Your Hit Parade*. Naqueles tempos, o rádio ficava ligado do minuto em que você acordava até quando ia dormir. Música, notícias e mais música.

A música pop da época era Cole Porter, Rodgers e Hart, Irving Berlin, Jerome Kern, George Gershwin, Benny Goodman, Billie Holiday, Artie Shaw, Tommy Dorsey. Por isso eu estava inundado com tantas belas músicas e filmes. Primeiro, uma sessão dupla toda semana, então, conforme os anos passaram, eu ia mais e mais. Era uma empolgação imensa entrar no Midwood na manhã de sábado enquanto as luzes da sala ainda estavam acesas e uma pequena plateia comprava seus doces e ia lotando o cinema enquanto uma música pop tocava para evitar que os espectadores fizessem um motim antes de as luzes se apagarem. Harry James, com "I'll Get By". As luminárias nas paredes eram avermelhadas, com os detalhes em metal dourado, os carpetes, vermelhos. Finalmente as luzes se apagavam, as cortinas se abriam e a tela se iluminava com um logo que fazia meu coração salivar, se eu posso misturar minhas metáforas, com uma ansiedade pavloviana. Eu via de tudo, todas as comédias, filmes de caubói, história de amor, filmes de pirata, fitas de guerra.

Muitas décadas depois, quando estava com Dick Cavett numa rua onde outrora havia um cinema grandioso e, agora, só um terreno baldio, nós dois olhamos para a área vazia e nos lembramos de como nos sentávamos no meio daquele ponto, transportados para cidades estrangeiras cheias de intrigas, para desertos cercados de beduínos românticos, navios, trincheiras, palácios e reservas indígenas. Logo haveria um prédio de apartamentos ali.

Quando menino, meus filmes favoritos eram o que eu chamo de comédias champanhe. Adorava histórias que aconteciam em coberturas de luxo, onde o elevador abria direto no apartamento e as rolhas estouravam, onde homens suaves que falavam por meio de diálogos inteligentes flertavam com belas mulheres que andavam pela casa vestindo o que alguém agora pode usar num casamento no Palácio de Buckingham.

Esses apartamentos eram grandes, geralmente duplexes, com muito espaço vazio. Ao entrar, o dono ou o convidado quase imediatamente se encaminhava para um pequeno bar para se servir de drinques que repousavam em decantadores. Todo mundo bebia o tempo todo e ninguém vomitava. E ninguém tinha câncer, a cobertura não tinha vazamentos e, quando o telefone tocava no meio da noite, as pessoas bem acima da Park Avenue ou da Quinta Avenida não tinham que se arrastar da cama, como minha mãe, e bater os joelhos no escuro buscando o único aparelho preto para ouvir que talvez um parente distante houvesse caído morto. Não. Hepburn, Tracy, Cary Grant ou Myrna Loy apenas se esticavam para



pegar o telefone na mesinha de cabeceira a centímetros de onde eles dormiam. O telefone geralmente era branco e as notícias não giravam em torno da metástase de células ou de uma trombose coronária por anos de consumo de carne vermelha, mas enigmas mais solucionáveis como: “O quê? O que quer dizer com não somos legalmente casados?”.

Apenas imagine um dia de verão ardente em Flatbush. O termômetro bate os 35 graus e a ausência de umidade é sufocante. Não havia ar-condicionado, quer dizer, a não ser que você fosse para o cinema. Você comia seus ovos cozidos numa xícara no café da manhã, que era servido em uma minúscula cozinha com piso de linóleo, sobre uma mesa revestida de lanolina. O rádio tocava “Milkman Keep Those Bottles Quiet” ou “Tess’s Torch Song”. Seus pais estavam numa outra “discussão” idiota, como minha mãe chamava, que por pouco não terminava em tiroteio. Ou ela derrubou creme azedo na nova camisa dele ou ele a envergonhou estacionando seu táxi na frente da casa. Deus que a livrasse de os vizinhos descobrirem que ela havia se casado com um taxista em vez de um juiz da Suprema Corte. Meu pai nunca se cansava de lhe dizer que ele uma vez havia levado Babe Ruth. “Me deu uma péssima gorjeta”, era tudo o que ele podia se lembrar sobre o Sultão da Tacada. Pensei nisso anos depois quando já era comediante e trabalhava no Blue Angel. Sonny, o porteiro, me deu seu resumo do caráter de Billy Rose, o rico esportista da Broadway que adorava bancar o mandachuva. “Um cara de centavos”, Sonny desdenhava, tendo aprendido a categorizar todos os humanos pela forma como demonstravam sua

gratidão. Eu provoco meus pais neste relato de minha vida, mas cada um deles me forneceu conhecimentos que me serviram bem no passar das décadas. Do meu pai: quando comprar jornal de uma banca, nunca pegue o de cima. Da minha mãe: a etiqueta sempre fica atrás.

Então era um dia quente de verão e você levava as garrafas retornáveis ao mercado para ganhar dois centavos por casco para poder ir ao Midwood, ao Vogue ou ao Elm, nossos três cinemas mais próximos. A quinhentos mil quilômetros dali, na Europa, os judeus estavam sendo fuzilados e mandados para as câmaras de gás sem nenhum motivo pelos alemães, que faziam isso com grande prazer e não tinham problema em encontrar por todo o continente ganchos para pendurar seus casacos. Você ia suando até Coney Island Avenue, uma avenida feia tomada por estacionamentos de revendedores de carros usados, funerárias, lojas de ferramentas, até o cinema empolgante ser avistado. O sol estava alto e brutal. O bonde fazia ruído, os carros buzinavam, dois homens estavam neuróticos com o trânsito, gritavam e esbravejam um com o outro. O mais baixo, mais fraco, corria para pegar sua chave de roda. Você comprava seu ingresso, entrava e, de repente, o calor e a luz do sol desapareciam e você estava numa realidade alternativa mais escura e mais fresca. Ok, são apenas imagens, mas que imagens! A lanterninha, uma senhora de idade vestida de branco, guia você, iluminando o caminho até o seu assento. Você gastou até seu último níquel em algum doce prazeroso batizado pomposamente de Jujubes ou Chuckles. E agora olha para a tela e, com a música de Cole Porter ou as melodias

inacreditavelmente lindas de Irving Berling ao fundo, surge o céu de Manhattan. Estava em boas mãos. Não ia ver uma história sobre caras de macacão numa fazenda que se levantam cedo para ordenhar vacas e cujo objetivo na vida era ganhar uma faixa numa feira local ou treinar seus cavalos para transcender uma série de obstáculos e ganhar o primeiro lugar numa competição regional. E, misericordiosamente, nenhum cachorro ia salvar ninguém e nenhum personagem fanho ia enfiar o dedo na orelha de abano para sugar o conteúdo, e nenhuma linha de pesca ia ser presa no dedo do pé de nenhum menino enquanto ele cochilava no velho açude.

Até hoje, se a primeira tomada de um filme é um close de uma bandeira sendo virada e a bandeira é o taxímetro de um táxi amarelo, eu fico. Se é a bandeira de uma caixa de correio, eu saio. Não, meus personagens vão acordar e as cortinas do quarto deles vão se abrir, revelando Nova York com seus prédios altos e cada pedaço de suas possibilidades empolgantes, e meu elenco ou vai tomar o café na cama com uma bandeja completa com espaço para o jornal do dia — ou numa mesa com toalha e prataria —, e o ovo desse sujeito vai vir para a mesa num suporte apropriado, para que ele possa apenas partir a casca para chegar à gema, e não haverá notícias sobre campos de extermínio, apenas talvez uma primeira página mostrando alguma belezinha com outro cara que é melhor do que Fred Astaire, já que ele a ama. Ou, se for café da manhã para um casal casado, eles de fato se preocupam um com o outro após anos estando juntos e ela não fica remoendo os fracassos dele, e ele não a chama de idiota. E, quando o



filme terminava, a segunda atração era um thriller de detive em que algum investigador particular durão resolve todos os problemas da vida com um soco no queixo e sai com um tomate recheado, do tipo que não existia em nenhuma das minhas aulas nem nenhum dos casamentos, velório ou bar mitzvahs que eu frequentava. E, por sinal, eu nunca fui a um velório: sempre fui poupado da realidade. O primeiro e único defunto que vi foi Thelonius Monk, quando, a caminho de jantar no Elaine's, em respeito a ele, fui vê-lo deitado numa funerária na Terceira Avenida. Levei Mia Farrow comigo; foi bem no começo de nosso namoro, e ela foi educada, mas ficou aflita e deveria saber que estava começando um relacionamento com o sonhador errado, mas a loucura toda vem depois.

Então, agora a sessão dupla tinha acabado e eu deixava a confortável magia escura da sala de cinema e reentrava na Coney Island Avenue, o sol, o trânsito de volta ao miserável apartamento da Avenida K. De volta às garras de minha arqui-inimiga: a realidade. No meu filme *O dorminhoco*, como parte de uma sequência de humor, por algum tipo de processo desconcertante, eu imagino Blanche DuBois, de *Um bonde chamado desejo*. Eu falo num sotaque sulista, com tom feminino, tentando tornar a sequência engraçada, enquanto Diane Keaton faz um Brando perfeito. Keaton é do tipo que reclama: “Ah, não posso fazer isso, não posso imitar Marlon Brando”. Como as meninas na escola que te dizem como foram péssimas nas provas e, quando as notas vêm, elas só tiraram dez. Naturalmente, o Brando dela é melhor do que

minha Blanche, mas a questão é que, na vida real, eu sou a Blanche. Blanche diz: “Não quero realidade, quero mágica”. E eu sempre desprezei a realidade e babei pela mágica. Tentei ser um mágico, mas descobri que só podia manipular cartas e moedas, não o universo.

Então, por causa da prima Rita, fui apresentado ao cinema, aos astros, a Hollywood, com sua moralidade patriótica e finais milagrosos, e enquanto eu afastava tudo o que todos tentavam me ensinar, dos meus pais aos professores de espanhol — eu já fazia aulas de espanhol havia dois anos —, Hollywood me fisionou. *Modern Screen*, *Photoplay*, Bogart, Cagney, Edward G. Robinson, Rita Hayworth — o mundo de celuloide deles foi o que eu aprendi. Aquilo era maior do que a vida, o superficial, o falsamente glamuroso, mas não me arrependo nem sequer de uma tomada disso. Quando perguntam qual personagem nos meus filmes é mais eu na tela, você só precisa olhar para Cecilia, em *A rosa púrpura do Cairo*.

Então, onde eu estava? Ah, eu nasci. Definitivamente eu nasci, e coloco dessa forma porque houve três riscos iminentes de eu não ter tido vida. O primeiro foi quando meu pai foi um dos únicos três nadadores que fizeram o longo percurso até a praia quando seu navio afundou. O segundo também o envolveu, mas não de maneira tão heroica. Ele estava em algum tipo de festa de família com minha mãe, sua noiva na época. Era uma comemoração do lado da minha mãe. Eles eram um bando de judeus barulhentos com seus estilos de vida improvisados. Por exemplo: nós tínhamos um parente chamado Phil Wasserman, de quem eu logo falarei, já que ele



foi um grande contribuinte à minha carreira nos anos posteriores. Mas havia também outro parente chamado Phil Wasserman, igualmente importante dentro da família, e ele era sempre tratado como o “outro Phil Wasserman”. Então, em conversas sobre qualquer Phil Wasserman, sempre se precisava especificar, e se fazia isso dizendo: “Eu estava caminhando em Manhattan e encontrei com o outro Phil Wasserman”. Ou: “Preciso comprar um presente para o outro Phil Wasserman”. Quando criança, eu me perguntava se, quando ele telefonava para alguém, começava a ligação com “Oi, aqui é o outro Phil Wasserman”. Ou se a esposa dele dizia: “Este é meu marido, o outro Phil Wasserman”. Ou se em seu túmulo diz: “Aqui jaz o outro Phil Wasserman”. Por mais tosco que esse esquema parecesse, ele funcionava.

Enfim, os dois estavam na festa e uma prima exibia sua nova aliança de diamante. Muitos *ohhhs* e *ahhhs* sobre o tamanho e a beleza, apesar de eu estar certo de que não se aproximava do Diamante Hope. Uma hora depois, o anel desapareceu e o pânico tomou conta do lugar. Ninguém conseguia encontrar a preciosa joia. Não sei como o mistério foi solucionado, mas foi descoberto que meu pai o havia surrupiado. Bem, dá para imaginar a descrença de todos, em choque. Olhos esbugalhados, mãos pressionando a cabeça na maneira do teatro ídiche, houve um *Oy vey*<sup>[1]</sup> coletivo, com taças de vinho suave atiradas no chão e coxas de frango abandonadas no meio da mastigação. Naturalmente, minha mãe desmaiou e, naquela noite, o casamento foi cancelado. Meu nascimento estava ameaçado novamente. Foi só pelo



charme e pela conversa mole do pai do meu pai, que foi ter uma conversa com o pai da minha mãe, que finalmente a crise foi suavizada. O pai do meu pai fez a promessa de que seu filho mão-leve nunca mais faria uma coisa como aquela e que ele também abandonaria as pilantragens, deixaria de marcar apostas para os mafiosos e se endireitaria. Além disso, ele ajudou meu pai a comprar um mercado falido na Avenida Flatbush, e com certo planejamento cuidadoso e trabalho duro, meu pai conseguiu dobrar suas perdas em tempo recorde. A essa altura você já deve ter percebido que o meu pai não levava jeito para sustentar uma família, uma falta de habilidade que se tornou tema de muitas conversas estimulantes no decorrer dos anos, que levaram muitas vezes meu pai a fazer as malas, antes de desfazê-las e voltar para a cama.

Meu terceiro flerte com a não existência veio logo após o nascimento. Pelo menos eu já havia estreado. Minha mãe, que eu disse que sempre teve de trabalhar para complementar os vários empreendimentos não lucrativos de meu pai, teve de me deixar com empregadas. Elas eram jovens desconhecidas e, com frequência, diferentes de dia para dia, dependendo de quem a agência mandava. Minha mãe as instruía sobre onde estava o óleo de fígado de bacalhau, que eu só bebia leite achocolatado, e que não importava o quão fofo eu fosse, não era para confiar no canalhinha. Eu estava no cadeirão, geralmente emburrado quando ela partia, apesar de que até hoje não sei o motivo, porque ela era um porre, não era uma mãe divertida como Billie Burke ou Spring Byington. Enfim,

estar sozinho com uma estranha o dia todo pode se mostrar fatal, e uma empregada me prendeu dentro de um cobertor explicando como seria fácil para ela me sufocar e então colocar o cobertor comigo morto na lata de lixo. As coisas ficaram bem quentinhas e sufocantes naquele cobertor. Por sorte, a empregada pertencia àquela variedade de louca que não leva os seus planos a cabo, em vez do tipo que termina na página policial vestindo um macacão laranja por não ter tomado os remédios.

Como eu digo, eu tive sorte, e essa sorte me seguiu todos os dias da minha vida, até hoje. Sua potência não pode ser superestimada. As pessoas vão apontar para a minha carreira e dizer que não pode ter sido tudo sorte, mas elas não percebem o quanto disso foi um rolar de dados e nada mais.

Então, enquanto minha entrada no mundo foi ameaçada e o início da minha existência foi precário, eu cheguei vivo à Rua 14, saindo da Avenida J no Brooklyn. E, enquanto não tenho muitas lembranças desses primeiros anos exceto por um gole de leite extraído ao copo direto do úbere de uma vaca (o que deveria me empolgar, mas achei quente e nojento) e por ter fugido da minha mãe em algum filme da Disney e corrido pelas fileiras para tocar a tela, não há outras anedotas sem graça dignas de serem mencionadas. Ah, sim, eu pareço ter nascido um paranoico. Posso me lembrar da minha primeira moradia, um apartamento que meus pais dividiam com o tio Abe e a tia Ceil, irmã da minha mãe. Eu me lembro de pensar que todas as outras pessoas no mundo, incluindo minha mãe, meu pai, meu tio e minha tia, eram alienígenas que, em algum

momento, iriam remover suas máscaras, revelando as caras de monstro que realmente tinham, e me fazer em pedacinhos. Por que tinha uma fantasia tão terrível, eu não sei. Como contei, meus pais, tias e tios eram bons e me amavam.

Nós, primeiro, moramos numa vizinhança maravilhosa que eu só fui valorizar depois que nos mudamos dali. Era a Avenida J, uma rua comercial, o que não era grande coisa na época, mas agora parece um paraíso para mim. Tinha lojas de bala maravilhosas, delicatessens com carnes suculentas, lojas de brinquedos, uma loja de ferramentas, deliciosos restaurantes chineses, um bar de bilhar, uma biblioteca. Havia uma variedade de pequenas lojas que vendiam roupas, bolos recém-assados e pão e, claro, a moça que vendia picles, uma criatura temerosa que se sentava como um minotauro ao lado de um grande barril de conserva. Ela era um morro vestido em várias malhas, um visual composto de camadas em abundância. E por cinco centavos ela enfiava a mão no barril, encontrava um picles do tamanho de uma moedinha e dava a você, e após décadas enfiando a mão naquele caldo o dia todo, todos os dias, sua mão virou picles. Quando menino, eu me perguntava quantos galões de loção Jergens seriam necessários para que voltasse ao normal. Então havia o Midwood, o cinema em que eu praticamente morava. Que legal era, naqueles dias. No meu bairrozinho modesto, havia incontáveis salas de cinema a uma caminhada de distância, todas apresentando sessões duplas. Os mais pobrezinhos passavam dois filmes, cinco desenhos, um seriado semanal, como *Batman*, e um curta, que era engraçado se fosse Robert Benchley, e não Joe McDoakes.



Infelizmente, às vezes aparecia um estudo de campo, no qual o sr. Fitzgerald nos levava a lugares como Ceilão e Java, a terra que o tempo esqueceu, quisesse você ou não. E às vezes você ganhava um brinde, talvez uma pistola de papel que fazia um barulhão quando disparava, mas o que matava era que, para tudo isso, o preço do ingresso era doze centavos. Isso quando eu era pequeno. Apesar de não ser tão pequeno que eu não pudesse ir ao cinema. O preço dos cinemas chiques era 20 centavos, então passaram para 25, depois 35. Quando chegou a 55 centavos, a vizinhança se rebelou como a tripulação do *Potemkin*. Alguém me disse que, agora, um ingresso pode custar vinte dólares. Sabe quantas garrafas retornáveis eu teria de entregar para conseguir vinte dólares?

Havia salas de cinema em cada esquina, e não passava um dia que não houvesse algo a que valia a pena assistir — fosse *Oráculo do crime* ou *Esta noite morrerás*. Eu adorava tudo. E um dia minha vida mudou quando meu pai me levou a Manhattan para o que hoje seria chamado de *tempo de qualidade*, apesar de ele provavelmente só estar indo à cidade para pagar algumas apostas. Eu tinha uns sete anos e até então só conhecia o Brooklyn.

Nós pegamos o metrô, descemos na Times Square e, ao subir as escadas saindo na Broadway com a Forty-Second Street, fiquei embasbacado. Essa foi a visão do moleque: um milhão de pessoas, muitos soldados e marinheiros, fuzileiros. Incontáveis salas de cinema pela Broadway e tomando os dois lados da Rua 42. Salões de baile. Mulheres estilosas, ou foi o que me pareceu. Caras tocando instrumentos em troca de

alguns trocados. O outdoor das roupas Bond e o do cigarro Camel com o modelo soprando grandes anéis de fumaça. Homens raquíticos gritando para um grupo ali reunido sobre o fim do mundo que chegaria numa quinta. (Será que aquele cara sabia mesmo de alguma coisa?) E como aqueles bonecos de papel dançam no ar sem uma corda? Na Rua 42 ficava o Laugh Movie, com seus espelhos distorcidos do lado de fora (o que preciso dizer que não foi capaz de me impressionar nem aos sete anos) e então o Hubert's Flea Museum, que exibia um hermafrodita, fosse lá que diabos fosse aquilo. Nós paramos lá para que meu pai pudesse apagar velas atirando com um rifle calibre .22. Ele gastou umas cinco pratas em balas.

Meu pai nunca viu uma arma de que não gostasse. Ele nunca foi capaz de resistir a um estande de tiros, que na época tinha rifles e munição de verdade. Mais tarde em sua vida, ele conseguiu um porte de arma, argumentando que precisava andar armado porque carregava joias. Naqueles anos ele contrabandeava joias e chegava em casa tarde porque também trabalhava como garçom. Ele não precisava de uma arma e só sacou a pistola duas vezes: uma vez ele tirou um encenqueiro de um ônibus. Outra vez, estava sozinho no metrô às três da manhã, quando foi confrontado por quatro jovens. Ele pegou a arma e disparou um tiro na escuridão do túnel. Eles deram meia-volta e saíram correndo. Não que eles o tivessem atacado, mas ele sentia que iriam fazer isso, apesar de que, até onde ele achava, eles formavam um desses quartetos que cantam à capela pelas ruas com roupas de barbeiros do início

do século — o que, nesse caso, faz com que ele estivesse certo em assustá-los.

Então caminhamos pela Broadway, passando por um cinema após o outro e os restaurantes: McGinni's, Roth's, Jack Dempsey's, o Turf, e finalmente, o Lindy's. Fomos a vários fliperamas, comemos cachorro-quente e bebemos piñas coladas, talvez tenhamos visto um filme. Eu era tão novo que não consigo me lembrar, exceto talvez que tenha vivenciado uma paixão instantânea por Manhattan e que, no decorrer dos anos, eu voltava em toda chance que tinha. Não há lembranças mais prazerosas para mim do que cabular aula, entrar no trem na Avenida J no Brooklyn, chegar à cidade, comprar um jornal, pegar alguma coisa para comer em alguma máquina automática, engolir uma torta de cereja com café e ler Jimmy Cannon. Então o Paramount abria e eu pegaria o filme e o show no palco, eu sempre amava o comediante. Me lembro de ir ao Roxy quando a banda de Duke Ellington estava lá e, quando o filme terminava, a orquestra saía de debaixo do palco tocando "Take the 'A' Train", aquilo me deixava louco. Daí em diante, qualquer filme que se passasse em Nova York me conquistava. Quantas vezes eu me sentei hipnotizado vendo alguma beldade de pernas longas voltar para casa de uma boate em Manhattan, jogando uma estola sobre o ombro enquanto entrava num saguão da Quinta Avenida, apertava o botão do elevador e subia para seu apartamento, sem se deitar até começar a amanhecer com a lenta melodia de "Out of Nowhere".



Toda vez que eu voltava para o Brooklyn, era na cidade do outro lado do rio que eu queria viver. Ansiava pelo dia em que eu entraria num bar de Manhattan e diria: “O de sempre”. Anos depois, Mort Sahl teve a brilhante ideia de abrir uma ação judicial contra os filmes por arruinarem nossas vidas. Mas estou divagando.

Em nossa história, ainda estou na Avenida J, no Brooklyn, vestido com roupas de praia e finalmente indo do berço para uma cama de solteiro. Eu me lembro desse pequeno rito de passagem. Eu era um garoto tão acovardado, que desde a primeira noite na minha nova cama criei o que eu chamava de minha “posição de dormir”, com o corpo virado para o lado direito, que me permitia levantar num raio e reagir com rapidez se um lobisomem saltasse do armário. Eu dormia preparado para sair da cama, mas para fazer o quê? Boa pergunta. O jiu-jitsu era bem popular naqueles anos de guerra, mas exigia que você cumprimentasse o lobisomem antes de jogá-lo por cima de seu ombro. Enfim, digo que, com a idade, veio a maturidade e eu posso ver quão tolo tudo isso era e quão mais esperto seria simplesmente dormir com um taco de beisebol à mão.

Proporcional às fantasias escapistas de uma vida chique em Manhattan — e digo *chique* porque, enquanto os outros garotos viam filmes e saíam querendo ser John Wayne, Gary Cooper ou Alan Ladd, eu me identificava mais com Reginald Gardiner, Clifton Webb e os personagens mais decadentes. Ah, e Bob Hope acima de tudo; eu nunca o perdia no cinema ou no rádio. Eu adorava rádio. Era outra versão do prazer, estar

doente ou me fingir de doente para que pudesse faltar à escola. Fingir era difícil. Se eu não estivesse com febre, eu tinha de ir para a escola, e como minha mãe sempre ficava ao lado depois de colocar o termômetro na minha boca, era quase impossível encontrar um aquecedor ou uma lâmpada para fazer o mercúrio subir sem ser pego de calças-curtas. Mas estar em casa doente significava ficar na minha cama com o rádio ao meu lado. O *Breakfast Club*, *Helen Trent*, *Luncheon at Sardi's*, *Queen for a Day*, Lorenzo Jones e sua esposa Belle, e, sim, André Baruch era casado com Bea Wain. Finalmente, no fim da tarde, *Hop Harrigan*, *Tom Mix*, *Captain Midnight*; e, de noite, *The Answer Man*, *Baby Snooks*, *O cavaleiro solitário*. Refeições na cama. Meu pai voltava do trabalho com dez gibis novos, que valiam um bom dinheiro. O rádio era uma grande parte da vida de todos naqueles dias, e, em retrospecto, acho interessante que meu pai, encenqueiro como era, preferisse os programas de comédia e nunca perdesse Jack Benny ou Charlie McCarthy ou, posteriormente, o Groucho. Eu teria pensado em *Gangbusters* ou *David Harding*, *Counter-spy*, mas, não, ele preferia *The Life of Riley* e *Fibber McGee and Molly*.

Eu engolia tudo isso, mas o médico da família nunca permitiu que eu escutasse *Inner Sanctum* ou qualquer coisa considerada assustadora demais. O dr. Cohen aconselhou minha mãe a nunca me deixar ver os filmes de Frankenstein ou Drácula porque eu era um garoto tenso, que teria pesadelos. Minha mãe extraía todos os conselhos sobre criar filhos de nosso médico local, que escutava meu coração com um estetoscópio, pressionava meu peito, batia no meu joelho

com um martelo de borracha, ouvia a mãe animá-lo com histórias sobre que garoto levado eu era, me psicoanalisava, prescrevia Cocillana e umas pomadas de mostarda, tudo isso feito com a conveniência de uma visita à nossa residência, para meu azar. Minha mãe aceitava o diagnóstico como se tivesse sido dado por Avicena. Ela buscava conselhos médicos tanto físicos como mentais de qualquer médico ou qualquer um com qualquer ligação tênue com o mundo da medicina. Com frequência ela buscava os conselhos de nosso dentista local, cujo consultório ficava em cima da padaria, e não apenas em assuntos relacionados a molares e gengivas. Além do farmacêutico local. Se você pudesse preencher uma prescrição ou vender emplastos para calos, ela o deixaria fazer uma cirurgia no cérebro. Se você fosse de fato um médico, era deus. O nome de um médico era pronunciado com a mesma reverência dedicada a um rabino.

Assim, eu adorava ficar doente e me esbaldava na cama: rádio, gibi e canja de galinha. Aqui devo apontar que parte do prazer inesperado de ter uma febre de 38 graus era algo que já mencionei: eu odiava, tinha pavor, desprezava a escola. Não havia nada a ser elogiado na Escola Pública 99, com seus professores retrógrados, idiotas e cheios de preconceitos. Estou falando do começo dos anos 1940. Depois da guerra, arrumaram alguns professores melhores. Deixe-me colocar isso de forma delicada: a equipe era composta de mulheres irlandesas de cabelo azul que um diretor de elenco usaria para interpretar freiras rígidas e abusivas. Eu era arrastado pela orelha por um lance de escadas pela srta. Reid, a diretora



assistente, que ela apodreça sob a “téra”. Era como ela pronunciava enquanto eu fazia careta: “A minhoca é boa para a téra.” “É *terra*, gorducha”, eu queria dizer.

Os poucos professores homens eram judeus mais liberais. Um dos melhores foi demitido porque suas ideias eram liberais demais. Em algo chamado de “Sing”, no qual cada classe escolhia uma música, cantava e interpretava no salão de conferências, ele escolheu um número da virada do século chamado “Boops-a-Daisy”, cujos passos consistiam em “mãos” (os dançarinos tocavam as mãos), “joelhos” (os dançarinos batiam nos joelhos) e “Boops-a-Daisy” (os pares davam as costas um para o outro e batiam seus traseiros). Bem, as matronas ficaram lá, boquiabertas, como se ele estivesse encenando uma orgia no auditório. Essa não era a apresentação antisséptica de “You’re a Grand Old Flag” ou “Bicycle Built for Two”. Para aquelas frígidas antissemitas, aquilo fedia a lascívia. Hoje, seria chamado de “inapropriado” pela Polícia do Aproariado. Não é preciso dizer que aquele pedagogo hebreu errante levou mais que depressa um chute no traseiro. O fato de que ele tinha inclinações políticas assumidamente esquerdistas não o favoreceu com a srta. Fletcher, a diretora, e suas rastejantes asseclas.

Mas não era apenas o conventículo de professoras, era toda a rotina regulada, feita para garantir que ninguém nunca aprendesse nada. Você tinha de chegar lá a tempo e se enfileirar no porão ou no pátio, se o clima permitisse. Você se enfileirava e não podia conversar, que diabos era aquilo? Você caminhava até a sala de aula. Sentava-se “com os pés firmes no

chão, olhos voltados para frente”, e não tinha conversinhas, piadas, bilhetes passando, nada que tornasse o soturno caso da existência humana suportável. Você aprendia pela rotina — só que a questão é que ninguém nunca aprendia nada. Uma vez por semana, havia uma assembleia que reunia todos os alunos e professores. Nessas ocasiões, antes de qualquer outra coisa, fazíamos o Juramento de Lealdade, com a mão sobre o peito. Eles queriam se certificar de que você não estava do lado do Eixo. Seguia-se uma reza idiota. Orações essas para as quais eu nunca recebi nenhuma resposta. Nem mesmo... já volto nisso. “Deus é silencioso”, eu costumava dizer, “agora se pudéssemos apenas fazer as professoras calarem a boca...”.

Então vinha a música. Eles podiam escolher algo mais sem graça? Com tanto Cole Porter, Rodgers e Hart no rádio; havia tantas músicas bonitas do Gershwin. Músicas com belas melodias e ritmo empolgante. “Anything Goes”, “Lady Be Good”, “Mountain Greenery”; tantas canções para se passar bons momentos, para ensinar as crianças a gostarem de música. Mas, não. Em nossa primeira aula, entoávamos: “Nos campos de Flandres onde balançam papoulas...”. Acho que era para colocar a gente num bom ânimo. Então cantávamos “Recessional” ou “Abide with Me”. Naquele ponto, eu pensava que talvez se eu simulasse um ataque epilético, eles me mandariam para casa. Eu só queria sair. Me deixe segurar o termômetro no aquecedor ou cabular aula e ir para Manhattan, comer uns mariscos no McGinni’s e assistir a Esther Williams nadando de costas no sul da fronteira. Eu ainda torço o rosto pensando nas filas da escola no porão, do lado de dentro

porque estava chovendo ou nevando; no fedor de lã molhada das nossas malhas, que ficavam encharcadas; em ser pego fazendo algo inócuo como cochichar com um amigo ou roubar um beijo no armário de roupas e mandarem chamar sua mãe.

“Ele está sempre paquerando as meninas”, dizia uma das apáticas estéreis para minha mãe. Sim, eu gostava das meninas. Do que eu deveria gostar, de tabuada? Deveria gostar de seu discurso sobre o Dia de Ação de Graças que matava nossas almas? Deveria gostar de bater os apagadores para tirar o pó de giz — um privilégio cobiçado por alguns dos moleques mais letárgicos? Não, eu gostava de meninas. Desde o jardim da infância, eu não ficava interessado no “boi da cara preta” ou em brincar de dança das cadeiras. Eu queria ir para o metrô com Barbara Westlake, chegar a Manhattan, levá-la à cobertura na Quinta, beber dry martinis (fosse lá o que fosse aquilo), ir para a varanda e beijá-la à luz do luar. Pode-se imaginar que essa ideia não era apreciada pelo corpo docente da Escola Pública 99, por minha mãe ou mesmo por Barbara Westlake, que tinha seis anos de idade, não apreciava dry martinis e soluçou histericamente quando mataram a mãe do Bambi. Assim, não importa com que frequência eu propusesse o Astor Bar, eu não tinha sucesso. Por favor, note que eu só estou falando isso da boca para fora. Enquanto eu dava esses primeiros passos no mundo da conquista, eu nunca poderia ter viajado para Manhattan sozinho, encontrado o Astor Bar, ter tido a entrada permitida ou ser servido de qualquer coisa mais forte do que uma gemada. Isso sem mencionar que eu teria



dificuldade para pagar o bilhete de metrô, quanto mais ter dinheiro para convidar uma dama.

Minha mãe foi chamada para falar com a professora tantas vezes que se tornou um rosto familiar. Todos os alunos davam “oi” para ela na rua, mesmo depois de crescidos e casados. Eles a conheciam pelo terrível ritual de quando a classe estava aprendendo alguma coisa inútil como “o termo correto para o número zero em inglês é *aught*” (para mim, *zero* está bom) e a porta se abria e era minha mãe. A classe parava por cinco minutos, enquanto a matrona de cabelo azul conversava com minha mãe no corredor, dizendo a ela que filho incorrigível ela tinha e como eu tinha passado um bilhetinho para Judy Dors sugerindo que tomássemos um drinque.

“Tem algo de errado com ele”, minha mãe dizia, instantaneamente tomando o lado de qualquer um que me odiasse. Sim, havia algo de errado comigo. Eu gostava de meninas. Gostava de tudo nelas. Eu curti a companhia, gostava do som da risada, suas anatomias e queria estar no Stork Club com elas, e não numa aula de marcenaria com os trogloditas locais fazendo um cabide de gravatas torto.

Alguns dos professores seguravam os alunos depois da aula como castigo, mas eram sempre os moleques judeus. Por quê? Porque eles eram usurariozinhos astutos e, ao nos mantermos depois da aula, nos atrasaríamos ou perderíamos a aula de hebraico. Agora, sem que eles soubessem, essa punição para mim era um *mitzvah*, se posso usar um termo ídiche. Eu odiava a aula de hebraico tanto quanto o colégio público e vou contar o motivo. Primeiro, nunca comprei esse troço religioso.

Achava tudo uma grande lamúria. Nunca achei que houvesse um deus; não achava que ele convenientemente favoreceria os judeus se existisse. Adorava carne de porco. Odiava barba. A língua hebraica era gutural demais para o meu gosto. Além do mais, era escrita de trás para frente. Quem precisava daquilo? Eu já tinha muitos problemas na escola, onde as coisas eram escritas da esquerda para a direita. E por que eu deveria jejuar por meus pecados? Quais eram os meus pecados? Beijar Barbara Westlake quando eu deveria estar pendurando meu casaco? Passar uma moeda falsa para o meu avô? Eu digo: “Viva com isso, deus, há coisa muito pior. Os nazistas estão nos colocando em fornos. Primeiro cuide disso”. Mas, como eu falei, eu não acreditava em deus. E por que as mulheres tinham de se sentar no andar de cima da sinagoga? Elas eram mais bonitas e mais espertas do que os homens, aqueles fanáticos hirsutos que se enrolavam em xales de reza no primeiro andar, assentindo para cima e para baixo como bonequinhos de mola e beijando uma faixa para algum poder imaginário que, se existisse, apesar de todas as súplicas e lisonjas, os recompensava com diabetes e refluxo gástrico.

Não valia meu tempo, e meu tempo era o grande problema. Eu mal podia esperar dar as três horas e o sinal tocar, para eu ser liberado do colégio público e poder ir para as ruas e o pátio e jogar bola, mas, não, eu tinha de pegar minhas coisas e ir para a aula de hebraico para ler palavras cujo significado nunca era ensinado para nós, e aprender como os judeus haviam feito um pacto especial com deus, mas que infelizmente não tinham deixado nada registrado por escrito. Mas eu ia. Graças à

pressão dos pais, ao desejo de receber minha semanada, à ameaça de me cortarem o rádio, isso sem mencionar que eu apanharia. Minha mãe me batia todo dia pelo menos uma vez. Dar palmada era ser rigoroso naqueles tempos, apesar de meu pai só ter me batido uma vez, quando eu o mandei se foder e ele fez seu descontentamento ser reconhecido com um tapinha gentil no meu rosto, que me trouxe uma visão desimpedida da aurora boreal. Mas Mamãe me dava todos os dias umas boas sovas e era como na velha piada de Sam Levenson: “Talvez eu não saiba o que você fez para merecer isso, mas você sabe”. Então aconteceu de eu acabar chegando ao *bar mitzvah* e para isso eu tinha de ter aulas especiais e aprender a cantar em hebraico — e, como diziam no Velho Testamento, houve muitos gemidos e dentes rangendo.

Minha mãe era a praticante. Por causa dela, nós mantínhamos um lar *kosher*. Ela era bem rígida sobre as leis alimentícias, que proibiam porco, bacon, presunto, lagosta e muitas guloseimas deliciosas disponíveis para os sortudos infiéis. Para manter minha mãe calminha, Papai fingia ser praticante, mas ele não podia esconder seu vício em contrabandos deliciosos e engolia carne de porco e frutos do mar como os assírios seguiam o rebanho. Assim, de tempos em tempos, íamos a um restaurante e eu conseguia uma refeição que Javé, como seus amigos o chamavam, não havia proibido. Eu me lembro que delícia foi quando aos oito anos meu pai me levou para o Lundy's, o lendário restaurante de frutos do mar no Brooklynn onde eu pude chafurdar em vôngoles, ostras e mariscos, o deus confidente não estava por perto de



Sheepshead Bay naquele dia. O Lundy's foi o primeiro lugar em que recebi uma tigela de lavanda. Eu nunca havia ouvido falar de algo tão impressionante quanto lavanda, e foi uma experiência bem empolgante usar uma. Quase como ter sua própria piscina. Fiquei tão impressionado que, dois anos depois, quando minha tia me levou lá para jantar, eu só conseguia pensar que aquele lugar tinha tigelinhas de lavanda. Consequentemente, quando pedimos mexilhões no vapor e o caldo de mariscos foi servido com eles, eu estava convencido que aquela era a lavanda. Bem empolgado, minha certeza passou por cima do ceticismo abafado da Tia Ann, e nós dois nos sentamos lá limpando nossas mãos em caldo de marisco. Só quando as devidas lavandas chegaram, no fim da refeição, minha tia percebeu que ela estava certa, e me deu vários tapinhas afetuosos na minha cabeça com sua bolsa, talvez uns doze ou catorze.

Ok, então ainda sou um garotinho que adora filmes, adora mulheres, adora esportes, odeia a escola e sonha com um dry martini. Ah, apesar de admitir que sou um aluno terrível, uma coisa que sempre soube fazer foi escrever. Eu sabia escrever antes de saber ler. Eu só aprendi a ler no primeiro ano, mas no jardim de infância eu podia vir para casa e escrever — isto é, criar ficções, escrever sem a habilidade de anotar. A tradição oral. Como as baladas. Enquanto *Beowulf* e *Lorde Randall* iam para o lado brutal, minhas narrativas aconteciam em jantares cintilantes e anteviam um futuro jamais maculado por um dia de trabalho honesto.

Por um tempo eu sonhei em ser cientista e ganhei de presente um microscópio. Eu iria superar essa nobre ambição, seduzido por um estilo de vida incitado pela MGM. Eu sofria seguidas rejeições das garotas bonitinhas com suas notas altas e letra caprichada. “Oh, deus, não. Minha mãe nunca me deixaria sair para namorar.” “Metrô para Nova York? Não tenho permissão.” E, mais tarde: “Desculpe. Eu nunca saio com meninos da minha idade”.

Enfim, meu *bar mitzvah* chegou. Hoje em dia, os *bar mitzvahs* são temáticos: *Star Wars*, Rei Artur, faroeste. Meu tema foi *O submundo*, de Gorki. Minha iniciação como homem não aconteceu num lugar chique, mas em nossa casa perto dos trilhos do trem. Os tios e outros homens de pé, que fumavam dois maços de cigarro por dia apesar de muitos ataques cardíacos e derrames, davam piscadinhas e apertavam minha mão passando notas de dez. Grande coisa. Como se fossem mil pratas. Minhas tias, primas, Rita, sua irmã mais velha Phyllis — enfermeira, santificada por sua profissão como Ève Curie —, Phil Wasserman e, claro, o outro Phil Wasserman. Phil (o original) era um personagem bem impressionante que trabalhava como assessor de imprensa. Poucos anos depois, quando eu tentaria escrever minhas primeiras piadas, eu levaria para ele e ele iria me encorajar a enviá-las para vários colunistas de jornais da Broadway, que publicavam piadas geralmente atribuídas a celebridades. Eu seguiria seu conselho, e minhas piadas fracas iriam abrir um mundo totalmente novo para mim.

Porém, aos treze anos, eu ainda era um jovem detestável, inteligente e cheio de tiradinhas com uma paixão crescente pelo show business. Falando em show business, me deixe descrever a diversão que se deu nesse pequeno luau asquenaze, em que um jovem judeu deveria se tornar um homem, apesar de eu ter permanecido um rato. Meu pai, na época, era garçom, uma de suas várias ocupações, que incluíam um esquema de enriquecimento certo que consistia



em vender “colares de pérolas em belas caixas” pelo correio, um empreendimento que não foi capaz de encontrar um único humano que quisesse uma pérola, então nossa casa ficou inundada de belas caixas de colares de pérolas por muitos meses. O estoque foi finalmente liquidado por cerca de quinze centavos de dólar. Mas agora ele era um garçom no Sammy’s Bowery Follies, onde labutava das seis da tarde às cinco da manhã, toda noite.

Sammy’s era um estabelecimento no Bowery com temática de virada do século, completo, com serragem no chão, e onde damas de seios fartos, do tipo Sophie Tuck, cantavam clássicos da época em vestidos vulgares, usando grandes chapéus. Mabel Sidney era uma dessas cantoras espalhafatosas, irmã da atriz Sylvia Sidney, seu irmão era George Sidney, um bem-sucedido diretor de Hollywood. Eu não conhecia nada do pedigree da Mabel, só que ela dava conta de cantar “Who’s Sorry Now” e “You Tell Me Your Dream”, entre várias outras pérolas das antigas. Como um favor para o meu pai, ela veio ao meu aniversário de treze anos e deu certa pompa a um evento que, do contrário, seria indistinguível do adeus ao meu tio Abe na Capela Riverside. Naqueles anos, a família sempre se beneficiava do trabalho do meu pai no Bowery, com sua enorme população de bêbados, tomando todas as ruas, bares e pensões dos arredores. Exemplo: precisávamos pintar a casa. Entre os vários embriagados se podia encontrar qualquer tipo de profissional, de carpinteiros a arqueólogos, de corretores de ações a marinheiros mercantes, de atores a pintores de paredes. Homens cujos sonhos tinham perdido o rumo e que

agora eram alcoólatras incuráveis. Tudo o que essas pobres almas queriam era a quantia necessária para comprar um único drinque. Então, nossa casa era transformada por um esquadrão de cachaceiros com pincéis em mãos que trabalhavam por alguns trocados — , isto é, se eles de fato aparecessem. O trabalho podia levar mais tempo por causa de bebedeiras, mas pelo menos era feito, meu deus. Mamãe sempre os alimentava bem, mas eles tinham de beber em copos especiais separados para estranhos, que eu acreditava que eram em seguida enviados para as Ilhas Marshal, onde nosso governo enterrava lixo tóxico.

Outra vantagem de trabalhar entre a triste população sedenta do Bowery era que muitos deles faziam roubos. O objetivo imediato era conseguir dinheiro para comprar o próximo uísque, por isso, se alguém deixava qualquer coisa por perto, ela desapareceria em segundos. Os Johns Bananas, como eles às vezes eram chamados, entravam num bar como o que meu pai trabalhava, ou o abordavam quando ele estava na rua e com frequência ofereciam mercadoria roubada: um sobretudo, um gravador, um saco de bifes. Tudo o que o ladrão queria em troca era o suficiente para um único drinque. Sempre aberto a uma negociação, meu pai acabava fechando negócio. Foi dessa forma que pegamos uma máquina de escrever Underwood por um dólar e cinquenta centavos, um processador de alimentos Mixmaster e um casaco de pele para minha mãe, só para citar alguns itens. Eu datilografei minhas primeiras piadas numa máquina roubada e fiz meu primeiro leite maltado numa máquina Hamilton Beach. Então, Mabel

Sidney tornou meu bar mitzvah suportável graças a sua interpretação de “My Man” para uma cambada de judeus dispersos.

Foi na tal festa que eu ganhei, entre tantas mercadorias roubadas, um livro sobre magia. Esse livro, com fotos de equipamentos empolgantes, caixas chinesas, uma gaiola de desaparecimento, bolas de bilhar, lenços de seda, uma guilhotina e uma infinidade de outras parafernálias, estimulou um interesse que se tornou uma obsessão para mim, e não demorou para eu gastar todo o meu tempo livre praticando e, como os Johns Bananas, usando todos os centavos que eu conseguia arranjar, emprestados ou roubados, não com uísque, mas com truques de magia. Eu tinha os troços padrão: os anéis entrelaçados, bolas e xícaras, um saco de veludo vermelho, as garrafas onde os lenços deveriam ser introduzidos — todos esses efeitos impressionantes que você provavelmente não conhece de nome, mas já viu muitas vezes. O Sonho do Avarento pode não significar nada para você, mas lá estava eu, tirando moedas do ar e jogando no fundo de um balde. Com o passar do tempo, eu amadureci além da atração de aparatos extravagantes com bijuterias e baús com fundos falsos.

Comecei a ver que eram os livros de magia que importavam, e estavam entre os primeiros livros que li, se não foram *os primeiros*. Eu entendia que comprar equipamentos que qualquer um poderia comprar e aprender a me apresentar não era digno do meu tempo ou do dinheiro do lanche que eu economizava passando fome na escola. A coisa para valer era aprender os segredos da manipulação pelos livros e praticar,